

O SACI

BIBLIOTECA
LOBATO

MONTEIRO LOBATO

O SACI

Organização

MARISA LAJOLÓ

Ilustrações

LOLE

Paratextos

CILZA BIGNOTTO



SUMÁRIO

<i>Antes de O saci começar...</i>	7	18. SAÍDA DOS SACIS	57
1. EM FÉRIAS	11	19. LOBISOMEM	58
2. O SÍTIO DE DONA BENTA	12	20. A MULA SEM CABEÇA	59
3. MEDO DE SACI	18	21. MÁS NOTÍCIAS	61
4. TIO BARNABÉ	21	22. CHEGAM AO SÍTIO	64
5. PEDRINHO PEGA UM SACI	24	23. A CUCA	67
6. A MODORRA	27		
7. A SACIZADA	31		
8. A ONÇA	32		
9. A SUCURI	33		
10. A FLORESTA	36	24. O NOVELO DE CIPÓS	71
11. DISCUSSÃO	37	25. O PINGO D'ÁGUA	72
12. O JANTAR	40	26. A IARA	75
13. NOVAS DISCUSSÕES	43	27. NA CAVERNA DA CUCA	76
14. O MEDO	47	28. DESENCANTAMENTO	79
15. O BOITATÁ	51		
16. O NEGRINHO	52	<i>Monteiro Lobato, um grande contador de histórias</i>	82
17. MEIA-NOITE	55	<i>Curiosidades sobre O saci</i>	84
		<i>Biografias</i>	87



ANTES DE O SACI COMEÇAR...

Por Cilza Bignotto

Você está na porteira do Sítio do Picapau Amarelo. Logo vai entrar neste lugar tão especial, que há décadas recebe visitantes do Brasil e de vários lugares do mundo: leitores que chegam pela primeira vez ou que retornam para rever personagens e reviver aventuras inesquecíveis. Antes de encontrar Pedrinho, Narizinho, o saci e as muitas outras figuras maravilhosas que esperam por você do outro lado, porém, vale a pena conversar sobre algumas coisas importantes.

O Sítio e seus habitantes existem há quase um século, desde que Monteiro Lobato publicou *A menina do narizinho arrebitado*, em 1920. No ano seguinte, ele lançou *O saci*. Mas a versão de 1921 era muito diferente da obra que você vai ler aqui. É que, ao longo dos anos, Monteiro Lobato reescreveu a história, cortando alguns trechos e acrescentando novos elementos à narrativa, até deixá-la da forma como aparece nesta edição.

Porém um livro não se modifica apenas pelas alterações feitas pelo autor e pelos outros profissionais que mexem no texto, trocam as ilustrações e mudam o formato do volume — um livro também pode se transformar porque novos leitores o leem de novas maneiras. Fazem perguntas que o autor ou o editor ou os ilustradores, em sua época, não podiam sequer imaginar. Quando Monteiro Lobato escreveu as primeiras aventuras com os personagens do Sítio, o Brasil e o mundo eram muito diferentes. Não havia televisão, celular, internet e tantas outras tecnologias que fazem parte de nossa vida cotidiana. Os moradores do Sítio não têm geladeira, fogão a gás, carro, brinquedos nem utensílios de plástico. As pessoas usavam palavras e expressões que já não fazem parte de nosso dia a dia. Mas não só as palavras nos mostram que esse mundo do Picapau Amarelo tem ligação com um tempo passado: os costumes também eram muito diferentes dos de hoje.

No começo do século XX, o Brasil ainda tinha mais áreas rurais do que urbanas, existiam muitas matas e não se falava sobre o risco de extinção de plantas e animais. Daí que, hoje, a gente estranhe Pedrinho falar tanto em caçadas e armas. Naquela época, caçar era prática cotidiana, que os adultos ensinavam às crianças, especialmente aos meninos. Pedrinho sonhava com caçadas na mata pois elas eram muito valorizadas socialmente, não porque podiam prover alimentos, mas

porque eram ocasiões em que os homens (e os jovens homens) podiam demonstrar sua força física e coragem. É por isso que você encontrará nas aventuras de Pedrinho com o saci muitas conversas sobre o medo e a violência. Hoje sabemos que ter medo ou se sentir fraco não faz com que alguém seja inferior, independentemente do gênero da pessoa.

Repare que no desenrolar da história o conhecimento vale mais do que a força física. O saci usa a sabedoria adquirida tanto na floresta como na casa de Dona Benta para escapar de vários perigos e ajudar Pedrinho em suas aventuras pela floresta. Ao acompanhar as conversas de Pedrinho com o saci, quem sabe você se sinta motivado a refletir sobre essas questões?

Outro tema que você pode estranhar são as referências à escravidão. Quando os personagens foram criados, a escravidão era lembrança recente: fazia pouco mais de trinta anos que, finalmente, tinha sido abolida. Muitas pessoas negras, que haviam sido escravizadas, quando se viram livres acabaram permanecendo nos lugares onde já viviam. Afinal, nunca haviam saído de lá e não tinham tido a oportunidade de ter outra formação. Não era uma opção, mas uma realidade. Talvez fosse o caso de Tia Nastácia e de Tio Barnabé. Tio Barnabé fora escravizado em uma fazenda vizinha ao Sítio, conforme ele mesmo conta. O saci tinha uma coruja escrava e ele mesmo tinha sido escravizado por alguns dias.

Nos livros infantis do começo do século XX, não era comum haver personagens negros com a autonomia e a importância de Tia Nastácia, Tio Barnabé e o saci, herói do livro. Por isso, talvez, para os leitores daquela época, fosse novidade que personagens negros como Tio Barnabé e o saci participassem da educação de um menino branco. O saci, por sinal, age e fala como um filósofo que instiga a inteligência de Pedrinho e questiona sua visão de mundo, fruto de uma sociedade branca e machista. Para os leitores de hoje, porém, o modo como o narrador e alguns personagens se dirigem aos personagens negros é ofensivo, pois, felizmente, os costumes mudaram. Essas são heranças pesadas da escravidão, que perdurou por mais de três séculos no Brasil. Mesmo hoje em dia, persistem tratamentos diferentes que todos nós precisamos combater. E, para combatê-los, o primeiro passo é reconhecê-los.

Conhecer práticas antigas e pensar sobre elas, comparando-as com as atuais, será uma das grandes experiências que você vai viver ao lado dos personagens do Sítio. Na história, o leitor tem a chance de ficar sabendo o que mudou, e o que se mantém, ainda nos dias de hoje, no país em que vivemos. É por isso que optamos,

nesta edição, por respeitar o texto de Lobato, reproduzindo-o da maneira como ele o escreveu, e convidar você, leitor, à reflexão sobre passagens controversas. E, para contribuir com essa discussão, Emília e Dona Benta viajaram até o século XXI para comentar as histórias que elas mesmas viveram, explicando, sempre ao pé da página, o sentido de palavras em desuso e contextualizando certas passagens a partir de uma visão atual. Gostou da novidade?

Bem, agora chegou a hora de abrir a porteira. Um mundo fantástico e intrigante espera por você no Sítio do Picapau Amarelo. Boa leitura!





Quando naquela tarde Pedrinho voltou da escola e disse à Dona Tonica que as férias iam começar dali uma semana, a boa senhora perguntou:

— E onde quer passar as férias deste ano, meu filho?

O menino riu-se.

— Que pergunta, mamãe! Pois onde mais, se não no sítio de vovó?

Pedrinho não podia compreender férias passadas em outro lugar que não fosse o Sítio do Picapau Amarelo, em companhia de Narizinho, do Marquês de Rabicó, do Visconde de Sabugosa e da Emília. E tinha de ser assim mesmo, porque Dona Benta era a melhor das vovós; Narizinho, a mais galante das primas; Emília, a mais maluquinha de todas as bonecas; o Marquês de Rabicó, o mais rabicó de todos os marqueses; e o Visconde de Sabugosa, o mais “cômodo” de todos os viscondes. E havia ainda Tia Nastácia, a melhor quituteira deste e de todos os mundos que existem. Quem comia uma vez os seus bolinhos de polvilho não podia nem sequer sentir o cheiro de bolos feitos por outras cozinheiras.

Pedrinho tinha recebido carta de sua prima, dizendo:

Nosso grupo vai este ano completar século e meio de idade e é preciso que você não deixe de vir pelas férias a fim de comemorarmos o grande acontecimento.

Esse século e meio de idade era contado assim: Dona Benta, sessenta e quatro anos; Tia Nastácia, sessenta e seis; Narizinho, oito; Pedrinho, nove. Emília, o Marquês e o Visconde, um cada um. Ora, sessenta e quatro mais sessenta e seis mais oito mais nove mais um mais um mais um fazem cento e cinquenta anos, ou seja, um século e meio.

Logo que recebeu essa carta, Pedrinho fez a conta num papel para ver se a pilhava em erro; mas não pilhou.

— É uma danada aquela Narizinho! — disse ele. — Não há meio de errar em contas.

